

PROMOÇÃO DE CULTURA DE PAZ E RESILIÊNCIA: UM ESTUDO DE CASO DO PROJETO DE EXTENSÃO REDE COQUE VIVE DA UFPE

Aurino Lima Ferreira¹

Maria de Fátima Galdino da Silveira²

Ana Carolina Liberal Peixoto³

Resumo

Este artigo objetiva investigar o uso do conceito de cultura de paz e resiliência nos projetos de extensão da Rede Coque Vive da UFPE, além de mapear ações que visam à promoção e/ou desenvolvimento da cultura de paz e resiliência no âmbito desta rede. A metodologia consistiu de uma pesquisa bibliográfica e estudo de caso dos projetos. Levantaram-se seis projetos realizados na comunidade do Coque na cidade do Recife. A análise dos projetos indica a presença das temáticas de promoção de cultura de paz propostas por Milani, assim como destaca os valores propostos por Diskin. A resiliência aparece a partir das categorias de Grotberg. Apresentamos quatro ações dos projetos que buscavam estimular e resgatar junto aos moradores novas aprendizagens de convivência pacífica e promoção de resiliência. Apontamos a importância de ampliarmos os estudos na área de cultura de paz e resiliência como uma forma de melhorar as intervenções da universidade em nossa sociedade.

Palavras-chave: Cultura de Paz; Resiliência; Educação; Extensão

1 INTRODUÇÃO

¹ Doutor em Educação pela UFPE. Centro de Educação. Endereço: Rua Acadêmico Hélio Ramos Campus Universitário. CEP 50670-901 - Recife, PE - Brasil. Telefone: (81) 21268323. E-mail: aurinolima@gmail.com. Atualmente é professor do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais da Universidade Federal de Pernambuco.

² Doutora em Biociências pela UERJ. Endereço: Av. Prof. Moraes Rêgo, s/n - Cidade Universitária. CEP 50670-470 - Recife, PE - Brasil. Tel: (81) 21268555. Fax: (81) 21268554. E-mail: fatima.galdino@bol.com.br. Atualmente é professora Adjunta do Centro de Ciências Biológicas. Coordena Pesquisas e extensão em Cultura de Paz na UFPE.

³ Licenciatura em Ciências biológicas. Participante da Rede Coque Vive. Endereço: Rua Jacaraú, 30. Joana Bezerra/Coque. CEP 50080380 – Recife, PE – Brasil. Tel: (81) 34483087. E-mail: carol_liberal@yahoo.com.br

Um dos desafios da educação no século XXI, diz respeito a questão da multi-ethnicidade, da convivência plural e democrática e da unidade na diversidade. Desafios esses que extrapolam a educação em sentido estrito, envolvendo a sociedade e requerendo reflexões mais amplas no que diz respeito às metas da formação humana. Hoje, as relações de sociabilidade são de desconfiança, violência e agressão e os cidadãos emergem como inimigos potenciais. Desta forma, a instauração de uma agenda que inclua a possibilidade de diálogos no intuito de construção e promoção de cultura de paz deve prevalecer, cabendo à universidade um papel fundamental neste processo, pois como espaço privilegiado de educação, neste momento histórico, sua voz tem repercussão direta nos espaços sociais mais diversos.

A inserção da paz como elemento formativo remonta às longínquas contribuições orientais, como podemos perceber nos ensinamentos de Confúcio e Buda, assim como está na base dos moldes de pensar da cultura ocidental desde Sócrates. Contudo, como indica Jares (2002), foi a *Didática Magna* de Comenius (1957) que inaugurou, na história do campo educacional, reflexões que bordejam esta temática, tendo influenciado a obra de gerações de educadores, como Rousseau e Pestalozzi, que apontam a função humanizadora da educação.

O espaço acadêmico como promotor de educação para paz seja realizando uma construção ativa de conhecimentos sobre a paz, através da explicitação de suas categorias centrais, seja através do desafio de estabelecer em seu próprio espaço uma educação que cultive a paz, desponta na agenda dos desafios da contemporaneidade, haja vista que o discurso acadêmico vem sendo insistentemente convidado não apenas a produzir novos conhecimentos neste campo, mas também sustentar ações que contribuam no estabelecimento de uma cultura de paz, a partir do seu próprio território.

A cultura de paz extrapola uma associação direta a ausência de guerra, priorizando o respeito individual e o coletivo das civilizações, com uma estimulação constante do aprendizado a valorização do respeito às diferenças e singularidades, de forma que pudéssemos acessar, nas palavras de Milani (2003 et al., p. 31), as grandes mudanças almejadas pela maioria da humanidade “[...] justiça social, igualdade entre os sexos, eliminação do racismo, tolerância religiosa, respeito às minorias, educação universal, equilíbrio ecológico e liberdade política”.

A relação da universidade com a sociedade tem-se dado intensamente através das

ações extensionistas, contudo como destaca Freire (1977, p. 22), estas na sua grande maioria, envolvem:

[...] qualquer que seja o setor em que se realize, a necessidade que sentem aquelas que a fazem, de ir até a ‘outra parte do mundo’, considerada inferior, para, à sua maneira, ‘normalizá-la’. Para fazê-la mais ou menos semelhante a seu mundo. Daí que, em seu ‘campo associativo’, o termo extensão se encontre em relação significativa com transmissão, entrega, doação, messianismo, mecanicismo, invasão cultural, manipulação, etc. E todos esses termos envolvem ações que, transformando o homem em ‘quase coisa’, o negam como um ser de transformação do mundo.

Assim, as ações extensionistas que deveriam fomentar uma cultura de paz podem acabar por reinstalar processos de violência, principalmente quando dirigidas às periferias, que são tomadas, numa ótica dominante, como um território estigmatizado que apenas produz subjetividades destinadas ao fracasso. Contudo, a noção de resiliência como um processo de ser afetado, enfrentar e transformar as adversidades em potencialidades de crescimento (YUNES, 2006; GROTBORG, 2005; CYRULNIK, 2004) tem apontado saídas frente às condições adversas, o que desafia o modo naturalizador de ver estes espaços e instiga a ampliação das visões dos envolvidos nestas intervenções.

Assim, problematizamos qual o lugar da extensão no processo de construção de uma cultura de paz, assim como levantamos se há possibilidades de promoção de resiliência a partir dos projetos de extensão. Desta maneira, propomos em consonância com a crítica freiriana que os trabalhos de extensão, realizados dentro de uma periferia, devem por em cheque o papel dos profissionais que os realizam, exigindo comprometimento que extrapola o âmbito da técnica, tocando em questões éticas e políticas.

Na Universidade Federal de Pernambuco, o Projeto de Extensão Rede Coque Vive tem mobilizado ações junto à comunidade periférica do Coque na cidade do Recife desde o ano de 2006, contudo a tematização da cultura de paz e resiliência não se encontram explicitadas diretamente em seus projetos, no entanto um breve contato com o projeto nos permitiu vislumbrar a presença ativa destas temáticas permeando o conjunto das ações desenvolvidas.

Neste sentido, buscamos de modo geral investigar como vem sendo usado o conceito de cultura de paz e resiliência nos projetos de extensão desenvolvidos pela Rede Coque Vive da UFPE, mais especificamente buscamos conceituar a cultura de paz e resiliência presentes na literatura científica e apresentar as ações desenvolvidas nesta rede que visam à promoção e/ou desenvolvimento de cultura de paz e resiliência, no intuito de contribuir com a ampliação do diálogo universidade e periferias.

2 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

2.1 Tipo de estudo

Esta pesquisa insere-se no quadro das pesquisas de cunho qualitativo e faz uso da pesquisa bibliográfica e do estudo de caso como uma estratégia de acesso ao campo de investigação. O estudo de caso objetivou conhecer os projetos realizados pela Rede Coque Vive, com o intuito de compreender sua identidade e suas características próprias, principalmente aquelas que dizem respeito à promoção de cultura de paz e resiliência. O estudo de caso é extremamente utilizado em áreas como a psicologia clínica, a área jurídica, médica (DAMÁSIO, 1995) e educacional (ANDRÉ, 2006).

André (2005), indica que o estudo de caso objetiva investigar fenômenos educacionais no contexto natural em que ocorrem, sendo um instrumento valioso, pois o contato direto e prolongado do pesquisador com os eventos e situações investigadas possibilita descrever ações e comportamentos, captar significados, analisar interações, compreender e interpretar linguagem, estudar representações, sem desvinculá-los do contexto e das circunstâncias especiais em que se manifestam.

Segundo André (2006) e Bogdan e Biklen (1994), as perspectivas das abordagens qualitativas que fazem uso do estudo de caso, com técnicas etnográficas de observação participante e de entrevistas, podem ajudar a aproximação do mundo real. Assim, em um estudo de caso pretende-se conhecer a realidade tal como ela é vista pelos atores que nela intervêm diretamente.

Usou-se esta perspectiva interpretativa para estudar o caso, principalmente porque se apoia na fenomenologia, com a preocupação em compreender o sentido dos acontecimentos e interações das pessoas ordinárias nas suas situações cotidianas (MERRIAM, 1988; DENZIN, 1989).

A crítica a esse caminho de investigação, é a mesma para toda pesquisa qualitativa, diz respeito à questão da generalização dos resultados. Nesse sentido, Yin (1984) responde às críticas que são feitas aos estudos de caso dizendo que eles não generalizam para um universo, ou seja, não fazem uma generalização em extensão, mas sim para a teoria, isto é,

ajudam a fazer surgir novas teorias ou a confirmar ou infirmar as teorias existentes.

A pesquisa bibliográfica, compreendida como um esforço “provisório, histórico, inacabado, responsável por um processo contínuo de atualização, correção, aprofundamento, ampliação” (LIMA, 2004. p. 40) dos modos de pensar um determinado tema ou questão, foi utilizada no intuito de mapear conceitos de cultura de paz e resiliência que pudessem contribuir no entendimento do projeto investigado.

2.2 Etapas e procedimentos

1ª Etapa – Pesquisa bibliográfica: Realizada através de sites referentes à pesquisa como Capes, SCIELO, PEPISCO, GOOGLE acadêmico. Utilizaram-se os descritores: “cultura de paz”, “resiliência”, “Coque vive”. Os textos coletados foram arquivados e posteriormente lidos e analisados seguindo as sugestões de Lakatos e Marconi (1988).

2ª Etapa - Visitas ao Projeto Rede Coque Vive: Para obter a experiência vivenciada e observar o projeto. Iniciou-se o estudo de caso através de entrevistas com três organizadores da experiência, objetivando esclarecer as ações que apresentavam indicadores de cultura de paz e resiliência levantados na pesquisa bibliográfica.

3ª Etapa –Análise dos resultados - Conceituação dos temas: buscou-se compreender os temas cultura de paz, resiliência e comunidades de periferias na comunidade do Coque, levando em consideração seus pontos de convergência com o estudo de caso realizado.

A análise dos dados segue perspectiva qualitativa fenomenológica de Martins e Bicudo (1989, p. 30) para quem:

A preocupação se dirige para aquilo que os sujeitos da pesquisa vivenciam como um caso concreto do fenômeno investigado. As descrições e os agrupamentos dos fenômenos estão diretamente baseados nas descrições dos sujeitos, e os dados são tratados como manifestações dos fenômenos estudados.

Há uma diferença entre fatos, que são eventos, ocorrências, realidades objetivas, dados empíricos já disponíveis e apreensíveis pela experiência, e fenômenos que quer dizer mostrar-se a si mesmo, aquilo que pode tornar-se manifesto, uma entidade. Segundo Martins e Bicudo (1989), uma entidade, porém, pode mostrar-se a si mesma de várias formas, dependendo, em cada caso, do acesso que se tem a ela.

A análise se constituiu de quatro momentos conforme indicado por Martins e Bicudo

(1989, p. 39): a) Leitura para apreensão global do sentido geral dos dados; "a leitura das descrições é feita em relação ao grupo tomado como um todo, almejando obter uma visão geral do material analisado"; b) Leitura para encontrar unidades de significados; "O material coletado é lido com a finalidade de encontrar-se aquilo que parece ser o mais significativo nos dados obtidos e de saber-se quais as partes principais, onde podem ser percebidas diferenças entre os dados."; c) Definição de temas mais importantes; "as partes significativas são delimitadas por temas ou perspectivas de investigação"; e por fim, d) Síntese integradora dos "insights" das unidades de significado" a perspectiva adotada na análise é da descoberta de como os sujeitos experienciam o fenômeno ou de como o autor da mensagem vê o fenômeno como um todo".

4ª Etapa - Teorização dos assuntos: Redigir os textos de acordo com o estudo de caso utilizando o embasamento teórico, obtido através da pesquisa bibliográfica.

3 CONTEXTUALIZANDO O CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

3.1 A comunidade do Coque

Situado no coração da cidade do Recife (capital do Estado de Pernambuco - Brasil), o Coque é uma comunidade de 40 mil habitantes e ocupa um espaço de 134 hectares (EMLURB, 2000 apud FREITAS, 2005). Localiza-se em uma região de baixo estuário em função das marés que lhe circunscrevem. Trata-se, na verdade, de uma ilha. A chamada "Ilha Joana Bezerra" ou antiga "Ilha de Anna Bezerra". O acesso ao bairro é feito pela Avenida Agamenon Magalhães, uma das principais vias do Recife, em direção à Estação do Metrô Joana Bezerra.

Quando conferido o IDH da comunidade do Coque, foi registrado a região de pior desenvolvimento humano na capital pernambucana: a área conjunta formada pela Ilha Joana Bezerra, São José e favela Coque (IDH-M de 0,632), ao comparar em relação com a África que registrou um IDH de 0,637, isso mostra como é alarmante a situação⁴.

A comunidade do Coque emerge no imaginário social local como espaço de violência

⁴Disponível em: http://www.pnud.org.br/pobreza_desigualdade/reportagens/index.php?id01=1666&lay=pde
[Acesso em: 04 de janeiro de 2012].

e marginalidade, agregando uma imensa cota de estigmas. Assim, Vale Neto (2009, p. 91), explica que:

No âmbito de projeto de extensão Coque Vive, estamos cada vez mais instigados a construir plataformas de “desconstrução” de estigmas. Na verdade, plataformas nas quais os sujeitos do bairro elaboram suas falas e as retransmitem para o entorno a partir de diferentes meios, fanzines, vídeos, músicas e grafites.

A extensão desponta assim, como uma possibilidade de interferir nas construções geradoras de violência e exclusão.

3.2 O Projeto de Extensão Rede Coque Vive

O Projeto Rede Coque Vive, é o resultado da articulação de uma rede de promoção social formada, além da Universidade Federal de Pernambuco, pelo Movimento Arrebrandando Barreiras Invisíveis (MABI), coletivo de jovens do bairro, e pelo Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis (NEIMFA), instalado na comunidade há mais de 25 anos. Em suas ações, a rede Coque Vive tem contado com vários parceiros, entre eles a ONG Auçuba, o Observatório de Favelas e a Faculdade Latinoamericana de Ciências Sociais (FLACSO).

Com o objetivo de romper com a lógica de exclusão imputada aos moradores da comunidade, lógica esta que engloba uma associação direta e redutora entre o espaço e as ideias de medo, insegurança, “bandagem”, perigo e violência, a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) vem realizando no Coque, desde 2006, um conjunto de intervenções orientadas pela preocupação em transformar as representações sociais do bairro dentro e fora da comunidade por meio da formação crítica, produção de conteúdos e articulação comunitária.

Como resultados da atuação dessa rede, já foram instalados no bairro, a Biblioteca Popular do Coque e a Estação Digital de Difusão de Conteúdos Coque Vive. Com mais de três mil títulos, a Biblioteca desenvolve atividades de estímulo à leitura e abriga o Cine Coque Vive, um cineclube popular. A Estação Coque Vive é um espaço de produção de conteúdos, a partir da disponibilização aos jovens do bairro de um estúdio para gravação de músicas e de equipamentos para realizações de audiovisual e fotografia digital. Além de espaços de articulação comunitária, a Biblioteca, a Estação e o NEIMFA são lugares nos quais se realizam cursos de formação humana e oficinas de capacitação para o manuseio técnico-

expressivo das mídias. Toda a produção do Coque Vive tem sido orientada para difusão em circuitos culturais realizados nos bairros, assim como em plataformas colaborativas na internet e no portal www.coquevive.org, além de estar contribuindo para novas abordagens nos grandes veículos de comunicação locais.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1. Cultura de paz

O conceito de paz tem sofrido mudanças significativas ao longo da história da humanidade. De uma identificação imediata a ausência de guerra ou como condição resultante do equilíbrio do poder entre as superpotências bélicas, o conceito de paz tem se ampliado, incluindo a cooperação entre os povos e objetivando o fim da violência estrutural e da predisposição para a guerra (SILVA, 2002).

Em geral, se associa a paz a ausência de conflitos, mas conflitos entre pessoas, grupos e organizações são inevitáveis. A diversidade é necessariamente geradora de conflitos. Não devemos fugir deles. Os conflitos são essenciais para o aprimoramento das relações entre os homens, e para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária, democrática e plural (MELMAN et. al., 2009).

Segundo Diskin (2008) e Milani et al. (2003), para que haja um estímulo a Cultura de Paz, primariamente deve ser exercitado o aprendizado das necessidades existentes entre as diversas etnias, gêneros e classes sociais. Também é importante a mudança de conceitos naturalizados e que funcionam como estereótipos limitantes na compreensão do ser humano. Sendo fundamental o estímulo a “solidariedade, participação comunitária, companheirismo, protagonismo juvenil e respeito aos direitos humanos. Como também o aprendizado da cidadania, da justiça, da igualdade e do respeito às diferenças” (MILANI et al., 2003, p. 7).

Porque através da incorporação dessas temáticas no mundo da vida poderíamos mudar realidade de forma pacífica e racional. Outro ponto no qual esses autores convergem seria ao favorecimento de “[...] redes solidárias, muitas vezes anônimas, e da fé de homens e mulheres de boa vontade, empenhados na construção de uma cultura de paz” (MILANI et al., 2003, p. 10).

Sabemos que a Paz é algo que deve ser aprendido e disseminado de forma íntima, mas

também ensinada para o coletivo dos povos, uma pessoa pode aprender como ter atitudes e filosofias de Paz. Neste sentido, as ações extensionistas surgem como possibilidades de construção de redes de promoção de paz.

Superando os discursos que buscam naturalizar a guerra como uma predisposição genética, a UNESCO (2000), com a Declaração de Sevilha, redigida por inúmeros cientistas mundiais indica que “A guerra não é causada pela biologia e a mesma espécie que inventou a guerra é capaz de inventar a paz” (MILANI et al. 2003, p. 14). Isso corrobora com a ideia de que a paz, assim como a guerra, são frutos de construções históricas humanas, portanto sujeitas a transformações via educação.

No Manifesto de 2000, redigido pelas Nações Unidas e Programa de Cultura de Paz, existem seis tópicos de fundamental importância “[...] respeitar todas as formas de vida, rejeitar a violência, compartilhar com os outros, escutar para compreender, preservar o planeta e redescobrir a solidariedade, incluindo a democracia e a igualdade entre mulheres e homens (MILANI et al. 2003, p. 14).

Neste momento histórico, um paradigma a ser quebrado seria o de que os seres humanos teriam a propensão inata para a violência e que se regem basicamente por instintos. Assim, os inúmeros determinismos são questionados e contextualizados como socioculturalmente construídos, apontando que:

Paz e violência são fenômenos exclusivamente humanos. Ocorrências naturais destrutivas não podem ser chamadas de violentas porque a natureza não tem consciência de si mesma, nem faz escolhas. Tampouco os animais podem ser considerados violentos ou pacíficos, já que agem movidos por instintos e sempre dentro das leis do mundo natural (MILANI et al., 2003, p. 17).

A promoção de cultura de paz está atrelada à necessidade da manutenção e obtenção dos direitos aos cidadãos. Todavia, esses direitos ainda não estão em vigor para todas as classes sociais e etnias. Como indica Milani et al. (2003, p. 18), “Há bilhões de pessoas cujos direitos à alimentação, moradia, educação e saúde são sistematicamente negados”.

O trabalho realizado pela Rede Coque Vive busca desconstruir visões que associam pobreza a criminalidade, pois como aponta Damacena e Arnaud (2001, p. 14)

[...] a associação entre pobreza e crime, na qual o crime é derivado da pobreza, não representa apenas uma tendência da sociologia, mas continua a fazer parte do enraizado senso comum, tanto de ‘direita’ como de ‘esquerda’, seja para discriminar, criminalizar e condenar, seja para justificar e absolver, ou, pelo menos, mudar o centro da discussão.

Assim sendo, o cientista afirma “[...] os estados e os municípios mais pobres [do Brasil] são exatamente aqueles onde há menos violência (MILANI et al., 2003, p. 49)”.

A década internacional de uma cultura de paz e não violência para as crianças do mundo é um dos mais bem sucedidos programas concebidos pela UNESCO nos últimos tempos. Mobiliza centenas de instituições governamentais e da sociedade civil, cujos projetos e ações estão presentes nos quatro cantos do planeta, promovendo benefícios a milhares de pessoas (DISKIN, 2008). Esse momento é de fundamental importância, pois trouxe visibilidade em relação à necessidade de uma cultura de paz em nível mundial. Ações como da Rede Coque Vive tiveram o fortalecimento exatamente nesta década.

4.2 Resiliência: conceitos, desafios e possibilidades de promoção

A prática educativa em contextos periféricos faz surgir a necessidade de reflexões teóricas sobre a capacidade humana de superação diante de situações adversas. Muitos sujeitos expostos a condições de opressão, violência e ausência de condições dignas de sobrevivência desafiam os prognósticos negativos, apresentando um processo de crescimento psicológico. O estudo deste fenômeno vem sendo realizado através do conceito de “resiliência”, que segundo Melillo (2004, p. 63), “se define como a capacidade dos seres humanos de superar os efeitos de uma adversidade a que estão submetidos e, inclusive, de saírem fortalecidos da situação”.

Como indica Assis, Pesce e Avanci (2006, p. 27), a resiliência “[...] só pode ser compreendida como se fosse um tecido que cada pessoa produz a partir dos fios de diferentes texturas e cores que seu meio oferece e da malha de sustentação que sente ao se empenhar na tarefa construtiva de produção de sua vida”.

O conceito de resiliência permite perceber como, face às intensas mudanças vividas na contemporaneidade, cada pessoa assimila essas transformações. Mais especificamente, a resiliência refere-se ao desenvolvimento de uma força interna, através de pensamentos, palavras e ações, que facilitam a vivência dessas mudanças, superando as crises e estresses com o mínimo de comportamentos disfuncionais. Ela contribui para que as pessoas resistam, lutem sem perder sua dignidade, sua capacidade de serem saudáveis (BARLACH, 2005).

A palavra resiliência apresenta várias definições de acordo com a área em que se emprega o termo, tem origem no latim *resilio* que significa retornar a um estado anterior (MONTEIRO, et al., 2001). O termo é oriundo da física, contudo adquire significado próprio na psicologia. Em alguns estudos no Brasil e, principalmente, no senso comum midiático, a

ideia de que a resiliência trata da capacidade dos materiais de resistirem aos choques, sendo a propriedade que possuem de voltar ao normal depois de submetidos à máxima tensão prevalece. Todavia este conceito da física está relacionado à elasticidade e não à resiliência.

A Psicologia, por sua vez, mesmo importando o termo da física, atribui um sentido próprio, já que os humanos quando afetados por situações adversas não tem possibilidade de retornarem a um estado anterior, pois o desenvolvimento é processual e acaba por incorporar as experiências vivenciadas.

De acordo com Yunes (2006), que realizou uma rigorosa revisão sobre o termo, os precursores do conceito de resiliência são palavras como invencibilidade ou invulnerabilidade, termos ainda muito utilizados na literatura para sugerir que algumas pessoas são totalmente imunes a qualquer adversidade. O que tem sido contraposto nos últimos anos, pois percebe-se que na resiliência, a pessoa afetada pode superar as dificuldades, contudo não significa que estão imunes a todos os tipos de traumas e de forma permanente.

Recentemente, o conceito de resiliência foi assimilado pelo campo da Saúde Pública, ganhando uma conotação voltada para a promoção da saúde, do bem-estar e da qualidade de vida. A noção de resiliência segue paralelamente ao movimento contemporâneo pela promoção da saúde da criança, do adolescente e das mulheres. Tal perspectiva modifica a forma de olhar para estes sujeitos, superando as visões que jogam para o passado o determinismo das experiências infantis malsucedidas, iluminando novos caminhos de flexibilidade. Assim a noção de resiliência

[...] vem complexificando-se sendo abordada como um processo dinâmico que envolve a interação entre processos sociais e intrapsíquicos de risco e proteção. O desenvolvimento do constructo enfatiza a interação entre eventos adversos da vida e fatores de proteção internos e externos ao indivíduo (ASSIS; PESCE; AVANCI, 2006, p. 19).

O uso das categorias desenvolvidas por Grotberg (2005, p. 16-17): “Eu tenho” (apoio); “eu sou” e “eu estou” (relativo ao desenvolvimento da força intrapsíquica); “eu posso” (aquisição de habilidades interpessoais e resolução de conflitos)” são fundamentais para pensarmos formas de promoção de resiliência, pois favorece a expansão das visões em torno deste fenômeno.

À medida que se potencializa a resiliência, pode-se reduzir os processos de assujeitamento e vice-versa. Alguns fatores agem como facilitadores dos processos de

assujeitamento da adolescência e juventude, enquanto outros agem proativamente, funcionando como mecanismos de proteção e de subjetivação. As redes sociais, por exemplo, são fundamentais para a promoção da resiliência. Elas podem ser definidas:

[...] como a soma de todas as relações que um indivíduo percebe como significativas ou define como diferenciadas da massa anônima da sociedade. Essa rede corresponde ao nicho interpessoal da pessoa e contribui substancialmente para seu próprio reconhecimento como indivíduo e para sua auto-imagem (SLUZKI, 1997, p. 41-42).

Essa compreensão é importante, haja vista que não se pode ser resiliente sozinho. Um dos fatores mais necessários para o desenvolvimento da resiliência é o apoio e o acolhimento pelos membros de sua rede pessoal e social. Essas pessoas atuam como “tutores de resiliência” (CYRULNIK, 2004) ou “figuras de apego” (BOLWBY, 2002). A resiliência sintetiza, na verdade, o resultado de intervenções de apoio, de otimismo, de dedicação e amor que perpassam as relações intra e inter-humanas (GRÜNSPUN, 2003).

A resiliência diz da potencialidade de responder de forma mais consistente aos desafios e dificuldades, de reagir com flexibilidade e capacidade de recuperação diante desses desafios e circunstâncias desfavoráveis, tendo uma atitude otimista, positiva e perseverante e mantendo um equilíbrio dinâmico durante e após os embates (GOYENECHE, 2008; YUNES, 2001).

Azevedo (2000) destaca que a resiliência funda-se numa interação entre a pessoa, enquanto ser humano e o seu eu, enquanto produto de desenvolvimento, situada num contexto ambiental que ele influencia e que por ela é também influenciada.

Para Poletti e Dobbs (2007), a resiliência pode se manifestar em situações onde exista um grande risco devido ao acúmulo de fatores de estresse e tensão, quando a pessoa é capaz de conservar aptidões em face do perigo e seguir crescendo harmoniosamente. Apesar de não resultar, pode receber influência das circunstâncias (sobretudo de sua primeira infância), das mensagens que recebeu, das ligações afetivas que criou e a segurança que essas lhe fizeram sentir. Considera-se, além disso, o ambiente no qual o sujeito se encontra, a presença ou ausência de pessoas sadias ao seu redor e os contextos político, social, cultural e religioso, nos quais ela se desenvolve.

De acordo com Boccallandro (2000), as três maiores fontes de resiliência são: atributos da criança, atributos do funcionamento psicológico da criança e atributos do

ambiente. Portanto é preciso responder às necessidades únicas da criança, oferecer modelos efetivos de comportamento, dar oportunidades para desenvolver a criatividade e a expressividade; uma boa rede de relações informais; apoio social formal, sendo um deles a educação e a atividade religiosa organizada.

Neste contexto, observamos a importância da educação no processo de construção da resiliência, pois é preciso que os professores sejam estimulados a compreender a importância de desenvolver estratégias de fortalecimento das pessoas, sabendo lidar com situações estressantes e adversas.

4.3 O conceito de cultura de paz e resiliência nos projetos de extensão desenvolvidos pela Rede Coque Vive

Conforme indicam os três entrevistados, não havia inicialmente uma intencionalidade de trabalhar diretamente estas temáticas no âmbito da Rede Coque Vive, contudo a forma de desdobramento da ação extensionista conduziu a uma percepção clara que o trabalho realizado abordava as temáticas da cultura de paz, além de promover resiliência.

No início não tínhamos a ideia de estarmos trabalhando na promoção de cultura de paz e resiliência, isto veio depois, quando percebíamos os participantes falarem de suas experiências junto aos projetos. Depois fomos construindo estas ideias e incorporando-as nas ações desenvolvidas (Entrevista com coordenador3 da Rede Coque Vive).⁵

Milani (2003, p. 56-57) indica um conjunto de doze temáticas que deveria compor programas voltados para promoção da Cultura de Paz. Ele afirma que um projeto com esta perspectiva deveria oferecer:

[...] uma combinação de, pelo menos três, das seguintes doze temáticas:

- fortalecimento da identidade pessoal e cultural
- promoção do auto-conhecimento e auto-estima
- desenvolvimento da comunicação interpessoal
- educação para o exercício da cidadania
- vivência e reflexão a respeito de valores éticos universais.
- reconhecimento da alteridade e respeito à diversidade
- sensibilização em questões de gênero
- sensibilização em questões étnicas
- aprendizado da prevenção e resolução pacífica de conflitos
- promoção do protagonismo juvenil
- mobilização e participação comunitária em prol do bem-estar coletivo e com métodos não-violentos
- educação ambiental.

⁵ Utilizaremos para transcrições de dados fonte Comic Sans MS, corpo 11 e itálico (Nota dos Editores).

A partir destas temáticas procuramos indicar brevemente como elas estão inseridas nos projetos desenvolvidos pela Rede Coque Vive desde o ano de 2006. Isto nos ajuda a perceber como a Cultura de Paz está sendo trabalhada no âmbito da Rede. Neste sentido, foram analisados seis projetos desenvolvidos: “Projeto Gestão de Processos Comunicacionais no Coque (2006 Proext–UFPE)”, “Rede de Agentes de Educomunicação Solidária (2006- 2007 MEC/Sesu/Depem. Proext-UFPE)”, “Rede de Comunicação e Cultura: Filhos e Filhas do Coque, (Proext Cultura 2007 Ministério da Cultura)” e o “Programa de Formação de Agentes de Mediação Sociocultural (PFAMS) (MEC/Sesu/Depem 2007-2008. Proext-UFPE)”, “Coque vive:Estação Digital de Difusão de Conteúdos (2008-2009. Proext-UFPE)” e “Coque Vive: mídias de sinergia Criatividade para romper os muros (in)visíveis”. Apresentaremos estes projetos a seguir:

Projeto Gestão de Processos Comunicacionais no Coque (2006 Proext–UFPE). Conforme indica o site da Rede Coque vive⁶, durante o período de 2006 foi desenvolvido basicamente no âmbito da rede um trabalho em torno do Curso de Formação de Agentes de Comunicação, que se encontrava inserido dentro de uma formação mais ampla a cargo do Neimfa, o curso de Agentes de Comunicação Solidária.

Realizado entre agosto e dezembro de 2006, o curso teve como preocupação maior sensibilizar 25 jovens participantes para o papel das mídias na construção das representações sobre a comunidade do Coque. Nesse ano também foi aprovado o Projeto da Biblioteca Popular do Coque através do Programa BNB de Cultura, uma parceria entre a UFPE, o Neimfa, o MABI e a Igreja São José do Coque, na pessoa de Frei Aloísio Frágoso.

Das doze temáticas elencadas por Milani (2003), seis moviam as ações desenvolvidas por este projeto. Eram elas: o fortalecimento da identidade pessoal e cultural, a promoção do auto-conhecimento e auto-estima, a educação para o exercício da cidadania, o reconhecimento da alteridade e respeito à diversidade, a promoção do protagonismo juvenil e a mobilização e participação comunitária em prol do bem-estar coletivo e com métodos não-violentos.

O trabalho buscava sensibilizar jovens moradores da periferia no trabalho do uso da escrita como caminho de falar de suas experiências pessoais e modos de vida. O foco central não era a escrita em si, mas o trabalho de pensar sobre sua vida na comunidade, isto acabou melhorando a autoestima e a ação direta dos jovens na comunidade. Penso que isto trouxe crescimento para o grupo e para comunidade (Entrevista com coordenador 2 da Rede).

⁶ Rede Coque Vive <http://www.coquevive.org>. Acesso em: Jan. de 2012.

Entre os anos 2007 e 2008, a Rede Coque Vive desenvolveu três projetos: Rede de Agentes de Educomunicação Solidária (2006- 2007 MEC/Sesu/Depem. Proext-UFPE), Rede de Comunicação e Cultura: Filhos e Filhas do Coque, (Proext Cultura 2007 Ministério da Cultura) e o Programa de Formação de Agentes de Mediação Sociocultural (PFAMS) (MEC/Sesu/Depem 2007-2008. Proext-UFPE).

As intervenções do projeto situam-se nas três áreas estratégicas da universidade brasileira: Ensino, Pesquisa e Extensão. Ações e resultados: Curso de Agentes de Comunicação Solidária; Curso de Formação de Agentes de Mediação Sociocultural; realização de Circuitos Socioculturais, estímulo à formação de novas redes de promoção social, pesquisas e disciplinas do curso de Jornalismo/UFPE com conteúdos articulados à ação extensionista no Coque, agendamento positivo do bairro na mídia local, ocupação de redes virtuais.

Nesse período, as intervenções do projeto ampliaram-se, concretizando transversalidade nas três áreas estratégicas da universidade brasileira: Ensino, Pesquisa e Extensão.

Extensão: Curso de Agentes de Comunicação Solidária (formação humana e crítica com jovens do Coque); Curso de Formação de Agentes de Mediação Sociocultural (ofertou subsídios teóricos para jovens universitários realizarem intervenções sociais); oficinas de qualificação técnica (mídias digitais, expressão sonora e visual, redação, leitura, expressão e outras); realização de circuitos socioculturais (eventos culturais - oficinas, mostras, eventos memória - contação de histórias, circuitos universitários - eventos acadêmicos); ocupação da rede virtual, estímulo à formação de redes de promoção social; implantação da Estação Digital de Difusão de Conteúdos; Cine Coque Vive.

Ensino e intervenção social: conteúdos articulados à ação extensionista no Coque (produções jornalísticas de alunos da graduação veiculadas na mídia local sobre o Coque e ações do projeto, "narração de histórias das Mães do Coque")⁷.

No conjunto destes três projetos temos nove temáticas abordadas: o fortalecimento da identidade pessoal e cultural, a promoção do auto-conhecimento e auto-estima, o desenvolvimento da comunicação interpessoal, a educação para o exercício da cidadania, a vivência e reflexão a respeito de valores éticos universais, o reconhecimento da alteridade e respeito à diversidade, a sensibilização em questões de gênero, a promoção do protagonismo juvenil e a mobilização e participação comunitária em prol do bem-estar coletivo e com métodos não-violentos.

O conjunto destes projetos guardavam entre si o interesse de potencializar as capacidades dos envolvidos na rede, tínhamos a ideia que seria possível ampliarmos a formação humana e incluímos múltiplas temáticas que abordavam as questões da resiliência, assim como cultivava elementos do que hoje pensamos como cultura de paz. A inclusão das ações midiáticas deu um grande avanço na possibilidade de pensarmos

⁷Rede Coque Vive: <http://www.coquevive.org>. Acesso em: Jan. de 2012.

caminhos de pensarmos a convivência crítica e pacífica entre as pessoas (Entrevista com coordenador 1 da Rede Coque Vive).

No ano de 2008-2009 foi realizado o projeto “Coque vive: Estação Digital de Difusão de Conteúdos (2008-2009/Proext-UFPE)”. Este projeto buscava construir uma estação digital que abordava estratégias de promoção de cultura de paz através do enfrentamento midiático.

A Estação Coque Vive é um espaço físico, composto por equipamentos para produção musical e audiovisual e um espaço virtual, que reúne um conjunto de iniciativas articuladas de inserção de conteúdos sobre e a partir do Coque em diferentes plataformas na internet (Picasa, Ning, YouTube, flickrs, blogs etc.), assim como a manutenção deste site colaborativo. E mais do que isso, é uma proposição: uma proposição que compreende a construção de um novo regime de interação, de relação entre universidade e a comunidade. Baseada na reciprocidade, essa relação produz memória em diferentes interfaces, assim como agencia novas estratégias de ação⁸.

Este projeto só não contemplava a temática da educação ambiental. E segundo os entrevistados, suas ações acabaram por contribuir na consolidação de uma ação extensionista de parceria.

Pensamos que o trabalho em conjunto poderia ampliar os efeitos das ações, assim fomos desenvolvendo ideias em que a parceria universidade e os jovens da periferia foram se intensificando. Percebemos ainda que o uso das plataformas digitais aproximavam os dois mundos e ajudava a melhoria da autoestima e a capacidade de pensar as problemáticas da comunidade (Entrevista com coordenador 2 da Rede Coque Vive).

Em 2010 foi elaborado o projeto “Coque Vive: mídias de sinergia Criatividade para romper os muros (in)visíveis”, que consistia de uma ação integrada envolvendo quatro grandes projetos: Projeto Ciclos Formativos (PCFs), Projeto Plataformas Colaborativas de Produção (PPCPs), Curso de Formadores Holísticos e a Oficina de Fotografia.

O Projeto Ciclos Formativos (PCFs) envolvia ações formativas destinadas aos alunos, professores e demais participantes da Rede Coque Vive.

Espaços de auto-construção sediados no auditório do Centro de Artes e Comunicação (CAC) e na comunidade (sede do NEIMFA), cujo objetivo é debater propostas pertinentes de discutir, assimilar e produzir materiais (produtos) reflexivos, a partir de cinco eixos temáticos: a) Interfaces entre Extensão Universitária, economia e cultura; b) Estigma e trauma cultural na cidade; c) Novas Tecnologias e Movimentos Sociais; d) Mídia, desenvolvimento urbano e Criminalização da Pobreza e e) Paradigmas solidários nas ciências humanas e movimentos sociais⁹.

⁸ Rede Coque Vive: <http://www.coquevive.org>. Acesso em: Jan. de 2012.

⁹ Rede Coque Vive: <http://www.coquevive.org>. Acesso em: Jan. de 2012.

O Projeto Plataformas Colaborativas de Produção (PPCPs) constava da:

Reunião de quatro agentes em “sinergia”: Universidade, Movimento Arrebatando Barreiras Invisíveis, Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis e o grupo de artesãs Cor do Coque em torno de um mesmo objetivo: re-pensar a relação dos espaços populares com a cidade, construindo para isso uma mídia sinérgica rica em conteúdo e formas que remetam a essa “reunião”. São as seguintes plataformas colaborativas que irão, de maneira prática, produzir essas mídias a partir de perspectivas colaboracionistas: O Estúdio Coque Livre e Estação Digital Coque Vive, sediados no NEIMFA, composta por espaço de gravação de música e montagem audiovisual e a Oficina de Reciclagem Artesanal Cor do Coque, que vem realizando um trabalho pioneiro no trato com o papel, produzindo uma diversidade de produtos que incluem agendas, bloco de notas e caixas para presente¹⁰.

O Curso de Formadores Holísticos é um projeto desenvolvido pelo NEIMFA, com duração de cinco anos. Nele “[...] jovens do Coque vivenciam aulas de filosofia, arte, linguagens, tradições espirituais, meditação, trabalho terapêutico, tudo permeado pela preocupação central do cuidado com o ser¹¹”.

Já Oficina de Fotografia era desenvolvida para que os Jovens do Coque aprendessem técnicas de fotografia e a importância dessa arte, revelando novos olhares sobre suas vidas, o Coque e a cidade. Duração de um ano.

O projeto “Coque Vive: mídias de sinergia Criatividade para romper os muros (in)visíveis” atendia todas as temáticas apontadas por Milani (2003) e teve sua conclusão em 2011. Um ponto marcante no conjunto de todos os projetos realizados pela Rede Coque Vive está presente nos valores que norteiam as ações realizadas e que podem ser descritos pelos seis valores apontados por Diskin (2002, p. 8): “Respeitar a vida, Rejeitar a violência, Ser generoso, Ouvir para compreender, Preservar o planeta e Redescobrir a solidariedade”.

Neste momento já tínhamos clareza de que estávamos realizando promoção de resiliência e cultura de paz. Tínhamos acesso à literatura especializada sobre estas temáticas, assim como buscávamos potencializar as ações neste sentido. Contudo, o desafio de formação dos participantes, tanto da comunidade como da universidade prevalecia nesta experiência (Entrevista com coordenador 1 da Rede Coque Vive).

A promoção de resiliência está diretamente associada à promoção de cultura de paz. Percebe-se que o uso das categorias desenvolvidas por Grotberg (2005) para o estudo da resiliência foi posta como prática nos projetos desenvolvidos. O “Eu tenho” (apoio); “eu sou” e “eu estou” (relativo ao desenvolvimento da força intrapsíquica); “eu posso” (aquisição de habilidades interpessoais e resolução de conflitos)” (GROTBERG, 2005, p. 16-17) estavam

¹⁰ Rede Coque Vive: <http://www.coquevive.org>. Acesso em: Jan. de 2012.

¹¹ Rede Coque Vive: <http://www.coquevive.org>. Acesso em: Jan. de 2012.

imbricados nas ações e convergem na tentativa de ampliar a cultura de paz e redução de violência.

Nessa linha de pensamento, a resiliência, essa inaudita dimensão de construção humana, como aponta Cyrulnik (2003) nos faz pensar na necessidade que temos de nos inventar e reinventar a cada dia, a cada adversidade, exigindo a aprendizagem de novos modos de ser capazes de superar as imposições e determinações socioculturais.

A seguir apresentamos um conjunto de ações selecionadas nos projetos desenvolvidas pela Rede Coque Vive e que apontam a presença de processos de promoção de cultura de paz e resiliência.

5 VALORIZAÇÃO DO SER ATRAVÉS DE MEMÓRIAS: PROMOÇÃO DE RESILÊNCIA E CULTURA DE PAZ

A valorização SER, um dos pilares centrais na promoção da cultura de paz e resiliência, pode ser concebida através de várias formas de expressão cultural como por exemplo: publicações de livros, produção de vídeos, música, teatro, artes plásticas que envolvam a comunidade. Na Comunidade do Coque, através dos projetos Rede Coque Vive, foram construídas estas produções acima descritas com o objetivo de estimular a participação e elevar a presença das temáticas de promoção de cultura de paz apontadas por Milani (2003) e Disken (2002) e de promoção de resiliência de Grotberg (2005). As ações dos projetos selecionados resgatavam os artistas e moradores mais antigos como forma de exaltar a história e permitir novas perspectivas aos jovens, estimulando a aprendizagem de formas pacíficas de convivência. Os livros “Coque Vive: notícias”, “Coque Vive: Exercícios do Olhar”, o vídeo “A linha, a maré e a terra: memórias do Coque” e o livro “Senhoras do Coque” são resultados destes trabalhos de promoção de cultura de paz e resiliência na comunidade do Coque. Vamos apresentá-los a seguir.

5.1 O livro “Coque Vive. Notícias” ou “um Coque, muitos Coques”

Este livro nasceu da necessidade de criação de um ambiente que relatasse as atividades cotidianas do bairro, destacando as qualidades. Foi iniciada uma pesquisa de resgate com os moradores mais antigos para conhecer a história da comunidade e as suas impressões. Essa

pesquisa originou uma face desconhecida até então pelos moradores mais jovens e os estimulou a produções artísticas diversas.

Começou a partir do eixo imagens. Foi realizada a clipagem de notícias sobre o Coque no intuito de conhecer as imagens veiculadas pela mídia sobre o bairro ao longo dos anos e estimular a desconstrução dos estereótipos de violência. Para isso, foram pesquisados os arquivos do Diário de Pernambuco, um dos mais antigos jornais impressos em circulação na Região Metropolitana do Recife. A atividade estendeu-se por quatro dos seis meses da pesquisa e foi realizada por estudantes da UFPE e três jovens moradores da comunidade, todos participantes do Projeto Coque Vive. O marco temporal abarcou aproximadamente 30 anos, delimitados entre meados da década de 70, momento histórico em que se pode relacionar a explosão urbana ao início do processo de ‘favelização’ no Brasil (CHESNAIS, 1999), e 2006, ano anterior ao início da pesquisa.

Dos mais de 1000 textos jornalísticos coletados no jornal Diário de Pernambuco, 146 foram inseridos no livro “Coque Vive: Notícias”. Este, por sua vez, foi organizado segundo a divisão temática em três partes. A primeira, de temáticas mais recorrentes, foi intitulada “O que sempre é notícia” e abarcou os temas *Luta pela terra*, *A pobreza como estigma* e *A violência como estigma*. Na segunda, intitulada “O que nem sempre é notícia”, constam temáticas ou ações pontuais que esporadicamente eram encontradas nos jornais. São elas: *Artes*, *Esportes*, *Shopping*, *Iniciativas*. Por fim, na terceira parte, foram inseridas *Cartas* de leitores sobre o bairro.

Na verdade, ao analisar os 146 textos escolhidos, um Coque multifacetado foi encontrado. Se, de um lado, pôde-se ver a prevalência da temática da violência em diferentes gêneros jornalísticos – notícias, reportagens, manchetes de capa, notas, artigos, “olhos”, cartas de leitores, tabelas – por outro, também foram encontrados outros olhares sobre o Coque.

5.2 O Livro “Coque Vive. Exercícios do olhar”

Este livro foi escrito depois da descoberta das qualidades existente no bairro e teve como foco a construção pelos próprios jovens moradores. O livro “Coque: Exercícios do Olhar” faz parte do eixo auto-imagens. Nele foram reunidas as produções verbais e não-verbais de adolescentes moradores do Coque que participaram do Curso de Agentes de Desenvolvimento Comunitário, uma das iniciativas que compôs o Coque Vive em 2006, 2007

e 2008. A oficina de fotografias “Revelando o Coque” e a oficina de memoriais¹² foram os espaços nos quais se produziram os textos mencionados durante os dois primeiros anos do referido curso. Um pequeno livro de 33 páginas é o registro dessas produções. São 29 fotografias, sendo 20 em preto e branco e 9 em cores, somadas a dez redações autobiográficas que chamamos de memoriais. Nesse momento, foram guiadas as reflexões sobre este livro, a partir dos seguintes questionamentos:

a) Que imagens estão contidas nesta pequena publicação?

Para responder a essa pergunta foram reunidas em uma sala, colocadas as fotos no chão e tentaram agrupá-las. Através da negociação de cada elemento (foto) que entraria em cada grupo (tema), chegaram a 14 agrupamentos: infância/crianças; vistas gerais do Coque; animais; frestas/observador escondido; trabalho; solitários; religião/fé; varal; palafitas; metrô; ruas e casas do Coque; tecendo o Coque; buracos do caranguejo; a última chama. Foram escolhidas as fotos com base em três critérios: representatividade com relação ao grupo a que pertence; expressividade (clareza no conteúdo que comunica); beleza (aquilo que mexe mais profunda e sutilmente com o indivíduo e provoca apreço).

b) A palavra composta “auto-imagens” traz o prefixo “auto”. Este prefixo designa aqui algo emergido de um “eu”? Ou designa algo que surge “automático”? Se esse “auto” está ligado a um eu, que eu é esse? Se surge automaticamente, que processo mecânico é esse?

Esses jovens não fotografaram cenas de agressões, mortes, brigas, crimes porque eles não vêem isso na comunidade onde moram ou porque eles querem lançar o olhar sobre outras coisas? Qualquer que seja a opção do jovem ao fotografar, a base do olhar pode ser questionada. É aí onde entra a dúvida sobre o que significa o prefixo “auto”.

Um jovem do Coque que escolheu, consciente ou inconscientemente, fotografar cenas em que a pobreza e o lixo aparecem, pode ter feito essa opção por um processo consciente ou por um processo automático. Esse conceito de automatismo a que se refere está intimamente ligado a repetições de padrões que se fixam nos sujeitos. Um dos elementos presentes nesse processo de fixação é o que Dominique Maingueneau (2001, p. 92) chamou de cenas validadas – construções já instaladas na memória coletiva que compreendem tanto modelos que se rejeitam como modelos que se valorizam, e que se fixam “facilmente em representações arquetípicas popularizadas pelas mídias”.

Um exemplo de um possível processo automático na captura de imagens fotográficas pelos jovens, condicionado, entre outras coisas, pela repetição na mídia de cenas validadas sobre o Coque, seria: “Eu vou retratar o Coque. O Coque é pobre, logo, para mostrar o Coque

¹² A oficina de memoriais foi realizada sob coordenação da professora do Centro de Educação da UFPE Maria Emília Lins e Silva no curso de extensão “A escrita de memoriais como experiência formativa: reflexões sobre a escolha profissional com adolescentes de periferias urbanas do Recife”, com a colaboração de Roberta Lira dos Santos, co-autora deste trabalho, que atuou como monitora do curso.

eu tenho que fotografar a sujeira.”. O jovem acha que para mostrar o Coque *tem que* mostrar a pobreza. O “*tem que*” é um marcador de falta de liberdade, pois alguém que acha que *tem que* fazer alguma coisa, não vê que pode não fazê-la, não enxerga a abertura de fazer diferente. Acha que *tem que* obedecer a um padrão (nesse caso, o padrão dos grandes meios de comunicação locais). Isso é o que chamamos aqui de agir por *automatismo*.

Alguém que age por um processo consciente, pode se questionar sobre sua liberdade de fazer ou não uma coisa. No mesmo exemplo de fotografar a pobreza, pode ter o seguinte processo consciente: eu vou retratar o Coque, o Coque é pobre, eu posso fotografar a pobreza *para* mostrar minha indignação com o fato dela existir; fotografar o esgoto porque quero mostrar que pessoas vivem em casas construídas na beira do canal, *para* mostrar que esse também é um jeito de se morar. Assim, a pessoa passa por um processo reflexivo, percebe sua liberdade de agir, localiza um critério de decisão e age: fotografa.

Em ambos os casos, não interessa muito saber se foi por automatismo ou por expressão consciente que o indivíduo agiu, uma vez que, dos dois modos, ele está se expressando porque:

[...] a linguagem está organizada em regimes de significação por meios dos quais ela se distribui ao longo dos espaços, épocas, zonas e estratos, e [...] está agenciada em regimes práticos de coisas, corpos e forças [...] Quem fala, de acordo com que critérios de verdade, de quais lugares, em quais relações, agindo sob quais formas, em quais espaços e lugares [...]? (ROSE, 2001, p. 158).

Dessa forma, compreendemos que, mesmo que alguém haja por automatismo, ele está expressando-se, pois seu automatismo foi construído, e faz parte de suas identidades. E esse processo de construção do sujeito pode ter outro nome que não subjetividade? Assim, de todo modo, a expressão de uma pessoa que “fala” às outras sobre si e sobre o que vê de seu mundo, nós definimos aqui como autoimagem. E o trabalho com a autoimagem é fundamental para repensarmos a promoção de resiliência e cultura de paz.

5.3 O vídeo “A linha, a maré e a terra. memórias do Coque”

A produção de um vídeo sobre o Coque teve por objetivo inicial investigar sua história, apresentando um percurso cronológico que abarcava sua origem até o momento atual. No entanto, durante o processo de execução buscou-se superar a narrativa cronológica sobre a história do Coque, introduzindo uma compreensão, no estilo benjaminiano, sobre o que seria articular historicamente o passado. Ou seja, não significava conhecê-lo “como ele de fato foi”, mas sim “apropriar-se de uma reminiscência”, tal como ela relampeja no momento de um perigo (PALHARES, 2008, p. 79). Reminiscências estas que não são fruto da objetividade, da neutralidade, da captura unilateral, concreta, palpável de uma história. Como

aponta Sarlo (2007), não é possível reconstituir os fatos do passado, pois, com ele, haverá sempre *uma dívida não paga*.

“A linha, a maré e a terra: memórias do Coque” foi, na pesquisa, parte do eixo memória. O vídeo tem duração de quinze minutos e foi gravado na manhã do dia 25/03/2008, na Biblioteca Popular do Coque (BPC). Nele são lembrados temas que perpassaram a história do bairro e a vida de três moradores: Francisca Vieira (67 anos), Paulina Lourenço (60 anos) e Alaedes Xavier (64 anos). Dessa forma, são lembrados fatos sobre a chegada dos entrevistados no bairro (que de início era alagado pelo mangue) e sobre construções urbanas que ameaçaram (a linha de trem e o shopping são citados como exemplos) e ameaçam (o alargamento do viaduto Joana Bezerra, em 2009) a permanência dos moradores na área. Dona Francisca, dona Paulina e seu Alaedes também compartilham conosco um pouco da experiência de ser criança, ser jovem e ser pai/mãe de família no bairro; e, com isso, possibilitam a visualização de um Coque com música, dança, brincadeiras, namoros e lutas.

Com a produção desse documentário audiovisual, o interesse de aproximação das memórias que relampejavam no tempo presente daqueles três moradores e que iluminavam, por conseguinte, alguns vestígios daquela história encontrada nas notícias clipadas nos exemplares do *Diário de Pernambuco*, mas que possibilitam outras visualizações sobre o bairro, diferindo de um Coque associado constantemente à morte.

Esse vídeo foi muito utilizado para tornar público um Coque conhecido apenas por poucos, um lugar com história positiva, com pessoas de bom caráter, crianças alegres e que brincam livres, isto é um bairro como qualquer outro, com problemas mais também com soluções.

5.4 O livro “Senhoras do Coque”

O livro, “As senhoras do Coque” foi uma produção desenvolvida por Peixoto, Vasconcelos e Ferreira no ano de 2011. Ele resgata a história de vida de cinco mulheres moradoras da comunidade do Coque que transformaram as adversidades da vida em processos de crescimento. Através do relato das participantes das entrevistas é possível acompanhar os processos de promoção de cultura de paz e resiliência.

A história de vida de Dona Paulina é considerada como muitas mulheres que moram em comunidades de periferias brasileiras, nas quais enfrentam adversidades psicológicas, físicas e morais. São essas mulheres com força e determinação, pensamentos positivos que conseguem vencer os embates ocasionados pelas provações colocadas pela vida. Nessas histórias observa-se bastante perseverança, fé, solidariedade, carinho, compreensão, garra e esperança sempre de um futuro melhor. Essas mulheres vivenciam na prática as visões de

promoção da resiliência e da cultura de paz. Elas, através do diálogo, realizam o cuidado entre si, pois sempre estão dispostas a ouvir umas as outras e auxiliar nas necessidades de cada uma.

Indicando a superação das adversidades, a entrevistada Paulina relata: “A gente vivia feliz apesar de que era uma vida muito precária” (PEIXOTO; VASCONCELOS; FERREIRA, 2011, p. 22). Isto indica a ação de forças interiores capazes de ajudar no enfrentamento das adversidades. Mostra a importância da Paz de espírito independente de religiões e crenças, assim ela encontra seu equilíbrio, desde o momento que ela começa a olhar para outro ser e respeitá-lo, e compreendê-lo; Dessa forma, independente de suas ideologias e filosofias religiosas.

[...] a minha segunda família é o NEIMFA. Os meninos não são de sangue, mas eu adotei como segunda família pra mim. Pra mim o NEIMFA é fundamental. Talvez alguém não possa nem acreditar, mas eu mesma me sinto muito feliz aqui dentro [...] (PEIXOTO; VASCONCELOS; FERREIRA, 2011, p. 28).

Segundo os autores, a história da segunda personagem, Dona Zezé, é cheia de reviravoltas e de provações digna de um livro de romance ou de um filme de drama. Entretanto, essa mulher por diversas vezes, teve vários mecanismos nos quais ficam óbvia a resiliência, ela sempre busca em sua vida pensamentos e atitudes positivas para vencer os obstáculos impostos em sua vida.

Em uma de suas frases ela nos mostra que a felicidade não está em conquistar bens materiais, mas sim em cultivar paz de espírito. Quando seu ex-companheiro diz: “[...] *eu lhe dou tudo, dou jóia, dou roupa, casa bonita, empregada e você diz que não é feliz*”. Ela afirma: “*não sou feliz*”.

“*Eu vou mostrar a todos vocês que eu vou dar a volta por cima*”, anuncia D. Zezé, mostrando o quanto estava confiante com andar de sua vida. E que diante das dificuldades, mesmo afetada, conseguiu, não entrou em uma sintonia negativa, sempre acreditando no futuro. Esta participante organizou ao longo dos anos, uma rede de apoio que congrega outras senhoras da comunidade do Coque com o intuito de refletirem sobre cultura de paz.

Segundo Peixoto, Vasconcelos e Ferreira (2011), a narrativa de Dona Geralda, terceira personagem do livro, mostra como surge o Coque sobre a perspectiva de uma das primeiras moradoras do local.

O lixo foi que aterrou a maré pra fazer essas vilas. O coque aqui foi aterrado com lixo da cidade. Os caminhões vinham, derramavam. A gente trabalhava no lixo. O lixo espalhava, a gente espalhava o lixo. O caminho vinha com dois, três. Se juntava um monte de menino, mulher e homem, espalhava, uns pegavam osso, outros pegavam vidro, outros achavam dinheiro, outros achavam relógio, pra vender, pra ganhar dinheiro. Eu nunca achei nada não (PEIXOTO; VASCONCELOS; FERREIRA, 2011, p. 92).

Ela mostra como algumas famílias conseguem sobreviver através da busca de materiais em meio aos resíduos sólidos descartados pelo grande Recife. Explica também que na localidade onde hoje é o Coque, anteriormente era um mangue, narra também que o órgão público colocava seus dejetos sólidos em meio ao terreno sem nenhum pré-tratamento, no caso ali seria um depósito de coisas que os bairros ricos não queriam mais.

O conjunto destes trabalhos apontam possibilidades de promoção de resiliência e cultura de paz a partir das ações extensionistas e indicam algumas contribuições da universidade à construção de uma sociedade mais igualitária, solidária e fraterna.

6 CONCLUSÃO

As ações extensionistas apontam um caminho de diálogo entre universidade e sociedade. Diálogo que busca construir uma cultura de paz capaz de resistir aos processos de violência que marcam as relações de sociabilidade deste momento histórico.

A presente investigação mapeou as noções de cultura de paz e resiliência na literatura especializada, buscando apontar suas contribuições em uma experiência de extensão desenvolvida pela Universidade Federal de Pernambuco, o Projeto de Extensão Rede Coque Vive, que tem mobilizado ações junto à comunidade periférica do Coque na cidade do Recife.

A noção de cultura de paz assumida neste trabalho extrapola uma associação direta à ausência de guerra, priorizando o respeito individual e o coletivo das civilizações, com uma estimulação constante do aprendizado a valorização do respeito às diferenças e singularidades. A temática cultura de paz estava presente nos seis projetos investigados a partir das doze temáticas indicadas por Milani (2003).

Em consonância com a crítica freiriana de que a extensão universitária precisa ampliar suas concepções sobre os pobres, as temáticas de cultura de paz investigadas são inseparáveis da vida cotidiana e do envolvimento com o espaço de vida comunitário. De forma que os valores Respeitar a vida, Rejeitar a violência, Ser generoso, Ouvir para compreender, Preservar o planeta e Redescobrir a solidariedade, destacados por Diskin (2002), norteavam e apoiavam as ações executadas.

A noção de resiliência aparece como um processo de ser afetado, enfrentar e transformar as adversidades em potencialidades de crescimento, apontando saídas frente às condições adversas e desafia o modo naturalizador de ver os moradores das periferias. A

promoção de resiliência está diretamente associada à promoção de cultura de paz. Percebe-se que o uso das categorias desenvolvidas por Grotberg (2005) para o estudo da resiliência foi posta como prática nos projetos desenvolvidos e estavam imbricados nas ações e convergem na tentativa de ampliar a cultura de paz e redução de violência, servindo de base para mapeamento e execução de novas ações nos espaços de periferia.

As ações dos projetos selecionados e analisados são resultados de trabalhos que usam de estratégias de promoção de cultura de paz e resiliência na comunidade do Coque. Estas atividades indicam possibilidades de construção de cultura de paz e promoção de resiliência através das ações extensionistas.

A Rede Coque Vive e seus projetos de extensão apontam a importância das intervenções nos espaços comunitários visando à redução de violência. Eles apresentam um papel fundamental na construção de uma cultura de paz e de uma resiliência consciente, pois os atores que participam do projeto promovem uma educação voltada para valorização do SER, da comunidade e do próximo. Dessa forma, estabelece uma rede de sinergia, no qual os participantes são estimulados a pensar positivamente, desenvolvendo a autoconfiança e autoestima, o que gera a harmonia e equilíbrio necessários à convivência pacífica.

Observou-se que são escassos os textos de cunho científico que tratam de cultura de paz e da resiliência. Assim, novas pesquisas e publicações sobre esses temas são de alta relevância para o campo acadêmico, principalmente quando visam apoiar ações junto à sociedade.

PROMOTION OF CULTURE OF PEACE AND RESILIENCE: A CASE STUDY OF OUTREACH PROJECT OF REDE COQUE VIVE UFPE

Abstract

This paper aims to investigate the use of peace culture and resilience concept in the network outreach projects coordinated by Coque Vive UFPE, and map actions that promote and/or built up peace culture and resilience within this network. The methodology consisted of a literature review and case study of these projects. Six projects conducted in the community of Coque, in the city of Recife are shown. An analysis of the projects indicates the presence of thematic promotion of peace culture proposed by Milani, as well as highlight the values proposed by Diskin. Resilience comes from the categories of Grotberg. We present four shares of projects

seeking to stimulate and rescue with residents new learning and promotion of peaceful coexistence resilience. We point out the importance of expanding the studies in the peace culture and resilience as a way to improve the operations of the university in our society.

Keywords: Peace Culture; Resilience; Education; Outreach Projects

**PROMOCIÓN DE LA CULTURA DE LA PAZ Y LA RESILIENCIA. UN ESTUDIO DE
CASO DEL PROYECTO DE EXTENSIÓN DE LA REDE COQUE VIVE DE UFPE**

Resumen

Este artículo tiene como objetivo investigar el uso del concepto de cultura de paz y del concepto de resiliencia en proyectos de extensión académica de la Rede Coque Vive de UFPE, además de realizar una búsqueda de acciones que pretenden promover y/o desarrollar la cultura de paz y resiliencia en el ámbito de esta red. La metodología reside en una investigación bibliográfica y estudio de caso en los proyectos. Se han levantado a seis proyectos realizados en la comunidad del Coque en la ciudad de Recife. El análisis de los proyectos llevados a cabo indica la presencia de temáticas de promoción de cultura de paz propuestas por Milani, así como destaca los valores propuestos por Diskin. La resiliencia proviene de las categorías de Grotberg. Presentamos cuatro acciones de los proyectos que buscaban estimular y rescatar junto a los residentes nuevos aprendizajes de convivencia pacífica y la promoción de resiliencia. Señalamos la importancia de ampliarnos los estudios en el área de cultura de paz y resiliencia como una manera de mejorar a las intervenciones de la universidad en nuestra sociedad.

Palabras clave: Cultura de Paz; Resiliencia; Educación; Extensión Académica

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: LiberLivro, 2005.

_____. A jovem pesquisa educacional brasileira. **Diálogo Educação**, Curitiba, v. 6, n.19, p.11-24, set./dez. 2006.

FERREIRA, A. L.; SILVEIRA, M. F. G.; PEIXOTO, A. C. L.

ASSIS, S. G.; PESCE, R. P.; AVANCI, J. Q. **Resiliência:** enfatizando a proteção dos adolescentes. Porto Alegre: Artmed, 2006.

AZEVEDO, J. **Resiliência del adolescente e sus componentes emocionais durante su desenvolvimento.** Publicado no site: www.monografias.com. Lisboa, 2000.

BARLACH, L. **O que é resiliência humana?** Uma contribuição para a construção do conceito. 2005. 108p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2005.

BASTOS, A. C. de S.; ALCÂNTARA, M. A. R. de; FERREIRA-SANTOS, J. E. Novas famílias urbanas. In: E. da R. Lordelo, A. M. Carvalho; S. H. Koller (Orgs.), **Infância brasileira e contextos de desenvolvimento.** (p. 99-135). São Paulo/Salvador: Casa do Psicólogo/Universidade Federal da Bahia, 2002.

BOCALLANDRO, M. P. R. **A Resiliência na abordagem holística.** Disponível em: <http://www.pucsp.br/clinpsic/resiliencia.htm>. Acesso em: 12 ago. 2007.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação:** Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BOWLBY, J. **Cuidados maternos e saúde mental.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CHESNAIS, J. C. **A violência no Brasil:** causas e recomendações políticas para a sua prevenção. *Ciência & Saúde coletiva*, vol. 4, no. 1, p. 53-69, 1999.

CYRULNIK, B. **Resiliência:** essa inaudita capacidade de construção humana. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

_____. **Os patinhos feios.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

COMENIUS, J. A. **Didáctica Magna:** tratado da arte universal de ensinar tudo a todos. Lisboa/Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 1957.

DAMACENA, A.; ARNAUD, D. **Violência no Brasil:** Representação de um mosaico. In: Caderno Ceris – Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ano I – n.1, 2001.

DAMÁSIO, A. R. **O erro de Descartes:** Emoção, razão e cérebro humano. Martins: Europa-América, 1995.

DENZIN, N. K. **Interpretive interactionism.** Newbury Park, CA: Sage, 1989.

DISKIN, L. **Cultura de Paz-** Notas para uma construção Polifônica. In: *Cultura de Paz educando para o novo tempo.* 2. Edição. Recife. Editora Universitária UFPE, 2008.

_____. **Paz, como se faz?:** semeando cultura de paz nas escolas. Rio de Janeiro: Governo do Estado do Rio de Janeiro, UNESCO, Associação Palas Athena, 2002.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREITAS, A. S. **Fundamentos para uma sociologia crítica da formação humana**: um estudo sobre as redes associacionistas da sociedade civil. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – UFPE, Recife, 2005.

GOYENECHE, M. C. La aplicabilidad del enfoque “resiliência em la escuela”: NanHenderson y Mike M. Milstein (Síntesis). In: CONGRESO DEPARTAMENTAL DE EDUCACIÓN FÍSICA, 9., [200-], Madrid. **Educación física y construcción de ciudadanía**. Madrid, [200-]. Disponível em: <http://www.redprimerainfancia.org/aa/img_upload/0b212a71568a8d8c75d1837feab2e/LA_APLICABILIDAD_DEL_ENFOQUE.doc>. Acesso em: 02 jun. 2008.

GROTBERG, E. H. Introdução: novas tendências em resiliência. In: A. Melillo; E. N. S Ojeda et al. **Resiliência**: descobrindo as próprias fortalezas. (V. Campos, trad.) (p. 15-22). Porto Alegre: Artmed, 2005.

GRÜNSPUN, H. **Conceitos sobre resiliência**. Disponível em <<http://www.cfm.org.br/revista/bio10v1/seccao4.1.htm>>. 2003. Acesso em: 19 nov. 2011, 2003.

JARES, X. R. **Educação para paz**: sua teoria e prática. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LAKATOS, L. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1988.

LIMA, M. C.. **Monografia**: a engenharia da produção acadêmica. São Paulo: Saraiva, 2004.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A Pesquisa qualitativa em psicologia**: fundamentos e recursos básicos. Ed. Centauro, 1989.

MELILLO, A. **Resiliência**. Revista Psicoanálisis: ayer y hoy. Disponível em: <<http://www.elpsicoanálisis.org.ar/old/impnumero1/resiliencia1-doc.htm>>. 2004. Acesso em: 22 jul. 2009.

MELMAN et al. **Tecendo redes de Paz**. Saúde e Sociedade, 18(1), São Paulo, 2009.

MERRIAM, S. **Case study research in education**: A qualitative approach. San Francisco, CA: Jossey-Bass, 1988.

MILANI, F. et al. **Cultura de Paz**: estratégias, mapas e bússolas. Salvador: Edição INPAZ, 2003.

MONTEIRO, D. S. dos A.; PEREIRA, L. F.; SARMENTO, M. R.; MERCIER, T. M. de A. **Resiliência e pedagogia da presença**: intervenção sócio-pedagógica no contexto escolar.

FERREIRA, A. L.; SILVEIRA, M. F. G.; PEIXOTO, A. C. L.

Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia – Faculdade de Comunicação e Educação, das Faculdades Integradas São Pedro - Campus II. Vitória, junho, 2001.

PALHARES, T. **Benjamin**: experiência e vivência. Revista Mente, Cérebro e Filosofia: Adorno, Horkheimer, Fromm e Benjamin. O homem nos caos do capitalismo moderno. São Paulo, n. 7, p.76-81, 2008.

PEIXOTO, M. S. L.; VASCONCELOS, R. de M.; FERREIRA, F. L. **Senhoras do Coque**, edição, Recife: NARRAMUNDO, 2011.

POLETTI, R.; DOBBS, B. **A Resiliência**: a arte de dar a volta por cima. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

REDE COQUE VIVE. Disponível em: <<http://www.coquevive.org>>. Acesso em: 10 de jan. de 2012.

ROSE, N. Inventando nossos eus. In: SILVA, T. T. (Org.). **Nunca fomos humanos**: nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SARLO, B. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVA, J. V. **Verdadeira paz**: desafio do Estado democrático. São Paulo em Perspectiva, 16(2):36-43, 2002.

SLUZKI, W. **Psicologia do adolescente**. Uma abordagem desenvolvimentista. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e linha de ação**. Brasília: Corde, 1994.

UNESCO. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil>>. Acesso em: 07 de dez. de 2012.

VALE NETO, J. P. **A vida que a mídia não vê**. Redes de Valorização da vida- recife. Observatório de Favelas- Secretaria Especial dos Direitos Humanos. 2009.

YIN, R. **Case study research**: Design and methods. Newbury Park, CA: Sage, 1984.

YUNES, M. A. M. **A questão triplamente controversa da resiliência em famílias de baixa renda**. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. Psicologia positiva e resiliência: foco no indivíduo e na família. In: DELLÁGLIO, D. D.; KOLLER, S. H.; YUNES, M. A. M. (Org.) **Resiliência e Psicologia Positiva**: Interfaces do risco à proteção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

Data de recebimento: 05/12/2012

Data de aceite: 15/05/2013